

PROPOSTAS DE FONTES PARA MIRAR OS RIOS NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA AMBIENTAL: O caso dos rios Parnaíba e São Francisco

Gercinair Silvério Gandara¹

RESUMO: Há uma pluralidade de fontes de natureza técnica, literária e historiográfica. Minha pretensão aqui é apresentar e discutir as diferentes fontes condizentes com as abordagens da História Social e Ambiental, para mirar os rios tendo como exemplo desse cenário os rios Parnaíba e São Francisco objetos da pesquisa que desenvolvo no Programa Nacional de Pós-Doutorado. As “cidades-beira” pela importância que assumem ao longo dos rios se destacam como fontes privilegiadas e imprescindíveis. Destarte busco compreender as influências que ambos os rios e a navegação em fase promissora em seus dorsos exerceu na vida cotidiana urbana, política e administrativa das/nas cidades que lhes margeiam.

Palavras-Chave: História, Rios, Cidades, Métodos , Fontes

SUMMARY: There is a plurality of sources from technical, literary and historiographical nature. My intention here is to present and discuss the different sources related to the approaches of Social and Environmental History, in order to focus about rivers and having as an example of this scenario the rivers Parnaíba and San Francisco- objects of the research i have developed in the National Postdoctoral Program. The "edge cities", by the importance along rivers, stand out as privileged and indispensable sources. Therefore I seek to understand the influences that both rivers and navigation exerted in everyday urban, political and administrative life of the towns bordered by them

Keywords: History, Rivers, Cities, Methods, Sources

RESUMEN: Hay una pluralidad de fuentes de técnico, literario e historiográfico. Mi intención aquí es presentar y discutir las diferentes fuentes coherentes con los planteamientos de Historia Social y Ambiental, los ríos que apuntar como un ejemplo de este escenario los ríos San Francisco y Parnaíba objetos de investigación que se desarrollan en el Nacional Postdoctoral. Los "edge cities" por la importancia que a lo largo de los ríos se destacan como fuentes privilegiadas e indispensable. Así que trato de entender las influencias que ambos ríos y tierra adentro en etapa prometedora en la espalda practicadas en la vida cotidiana la política urbana y los administrativos / pueblos aledaños ellos.

Palabras clave: Historia, Ríos, Ciudades, los Métodos, las Fuentes

¹ Pós-Doutoranda em História pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD/CAPES/UFG). Doutora em História Social pela Universidade de Brasília (2008). Mestre em História (UFG). Especialista em Estudos Regionais (UCG). Bacharel e Licenciada em História (UCG). Docente UEG-Unidade Universitária Pires do Rio. Coordenadora Geral do LHEMA (Laboratório de História e Estudos Multidisciplinares em Ambiental) Líder do Grupo de Pesquisa História Ambiental: territórios, sociedades e representações. e-mail: gercinair@msn.com

Oportunamente compus uma mesa redonda intitulada História Ambiental: perspectivas e propostas a convite dos organizadores do II Simpósio Nacional de Ciência e Meio Ambiente (2011). Incentivada pela temática decidi fazer propostas de fontes para mirar a história dos rios na perspectiva da história ambiental baseada nos trabalhos de pesquisa que eu desenvolvo no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG) pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) intitulado “RIOS E CIDADES-BEIRAS... UMA ANÁLISE COMPARADA (Remanso e Pilão Arcado/BA... Florianópolis e Parnaíba/PI – Século XIX – XX)”. Temporalmente os limites dessa pesquisa encontram-se dentre os séculos XIX e XX em conformidade com a história da navegação a vapor nos rios Parnaíba, São Francisco e o surgimento/ressurgimento das “cidades-beiras” elencadas.²

A apresentação dividiu-se em dois momentos. Inicialmente explanei um ponto de vista geral da proposta do meu pós-doutoramento, a construção dos conceitos e as teorias científicas. Posteriormente apresentei e discuti as possibilidades de fontes para esta abordagem considerando como um momento de grande fertilidade, se não decorrente, pelo menos estreitamente relacionado com a proposta da mesa.

Expliquei que dentre os diversos possíveis métodos destaquei o método científico de comparação compreendendo que, por meio de uma análise comparada surgem, novas formulações de questões e certos objetos poderão se apresentar como peças históricas comuns dos diferentes espaços regionais brasileiros. Compreendendo, também, que o método científico de comparação permite enfrentar de maneira ordenada uma série de discussões, sejam as semelhanças, sejam as diferenças entre os elementos comparados. Detiene (2000) entende que se devem comparar os diferentes, mesmo aquilo que se pensa ser incomparável no tempo e no espaço. E este é o caminho que optamos seguir, como ele mesmo diz, devemos experimentar, para responder às coordenadas almejadas. Será preciso ainda, fazer reagir posições ocupadas seja por uma divindade ou por um indivíduo para se descobrir singularidades, ou seja, aspectos inapercebidos; uma esquina insólita, característica particular de um limite; uma propriedade escondida e/ou esquecida, sinal de um espaço vasto; a fundação e o nome que marca o espaço, qualquer coisa que marca um acontecimento inicial, o começo de um tempo, de uma história, de uma cronologia, de um uso dos elementos da natureza. A análise comparativa permite, ainda, trazer à tona o que é peculiar a cada uma das configurações históricas de cada lugar. Seria preciso, pois, não ter medo de vasculhar a história ou de comparar diferenças históricas. Seria preciso experimentar.

² Sobre a conceituação de cidades-Beira ver GANDARA, Gercinair Silvério. Rio Parnaíba, Cidades-Beira (1850-1950). Teresina, EDUFPI, 2010.

Nossos registros estão em torno dos rios e das cidades, suas apresentações objetivas e concretas, nascimentos, crescimentos e renascimentos. Mas, tornou-se imperativo conhecer melhor e compreender bem o processo histórico de cada uma das cidades e dos rios bem como os usos e manejos das águas e da flora e, posteriormente confrontá-los entre si buscando similaridades ou diferenças. Será por meio dessa análise comparada que surgirá novas formulações de questões e certos objetos se apresentarão como peças históricas comuns ou diferentes dos/nos diferentes espaços regionais brasileiros. Penso comparar passo a passo, termos a termos, os princípios urbanos e seus caminhos líquidos reconstruindo a gama de possibilidades para o “fazer” da/na História Social e Ambiental no Brasil.

Temporalmente os limites da pesquisa que desenvolvo encontram-se dentre os séculos XIX e XX em conformidade com a história da navegação a vapor nos rios Parnaíba e São Francisco e as cidades beiradeiras elencadas. No curso das minhas pesquisas trato, também, de outros diversos métodos e teorias para enfrentar o problema do estudo das cidades e rios, entre eles, destaco os conceitos de cidade, espaço, tempo, beira, fronteira, entre outros. Também passei abordar aquelas pesquisas voltadas à História Ambiental com foco voltado ao Patrimônio Cultural Arquitetônico e Ambiental. Os referidos conceitos estão presentes nas discussões teóricas das áreas de ciências humanas, tais como, história, sociologia, antropologia, arquitetura, geografia, ecologia como categorias problemáticas de difícil definição.

Contudo para atender a necessidade de operacionalização destes conceitos, cabe ressaltar em nível genérico, que esta pesquisa se faz por meio de um estudo interdisciplinar. Para os fundadores dos Annales, porta-vozes da história nova, o eixo das preocupações do historiador, o objeto da história, são o homem e suas atividades. Assim sendo, a história está vinculada ao estudo da sociedade. Vale dizer que nossa discussão teórica se origina de diferentes teses defendidas, no Brasil e no mundo, dentre as quais, os rios têm história, tem personalidade, e aquela que advoga a existência de outras margens e são expressas de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos.

Numa segunda perspectiva investigo nesta pesquisa o rio São Francisco como espaço social vivido no contexto das transformações sócio-espaciais da Bahia, comparando-o com o rio Parnaíba³ e, conseqüentemente, com o Piauí. Algumas categorias, preocupações conceituais e metodológicas são necessárias para reunir aportes mais consistentes e fundamentais para o trabalho de pesquisa e sua análise. Para tanto, eu retomei a ideia, já várias vezes invocada, que o espaço geográfico é *locus* de coexistência do diverso, natureza e cultura ao mesmo tempo, lugar dessa contiguidade característica que é o espaço nosso de cada dia. Também considero além dos contornos geográficos os contornos simbólicos do Rio São Francisco contrastando-os com os contornos simbólicos do rio Parnaíba.

³ Objeto da minha tese de doutorado “Rio Parnaíba... Cidades-Beira (1850-1950) defendida em 2008.

Independentemente dos critérios que definem ou delimitam, sabemos que os espaços vividos são o principal suporte dos processos sócio-econômicos e culturais em cada período histórico, isso significa que eles são os próprios fundamentos da atividade humana. No desenvolvimento de um determinado espaço vivido estabelece-se uma relação gradual entre o indivíduo e o mundo. O espaço geográfico percebido e vivido torna-se, um espaço social, se integra à comunidade e passa a fazer parte de uma experiência. Quando se trata da história das relações pela água, é preciso, antes de tudo, considerar a geograficidade, pois ela vai além das condições naturais, uma vez que a natureza faz parte da materialidade que constitui o espaço geográfico. É, pois, preciso recuperar a dimensão material, ou seja, a geograficidade da paisagem parnaibana e são franciscana, sobretudo, num momento em que se dá cada vez mais importância à dimensão simbólica, quase sempre de modo unilateral, como se o simbólico opusesse ao material. A indivisibilidade das dimensões material e simbólica propicia descrever a história do rio e o rio na história. O geógrafo brasileiro Milton Santos (1996) insistiu na indivisibilidade entre o material e o simbólico dizendo que o espaço geográfico “é um misto, um híbrido, formado da união indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Os sistemas de objetos, o espaço-materialidade, formam configurações territoriais aonde a ação dos sujeitos, ação racional ou não, vem instalar-se para criar um espaço”. (SANTOS: 1996, p.70 e 234). Destarte, o espaço geográfico se exprime em relações entre grupos sociais pelos quais se define uma sociedade, sendo, portanto, um produto social, segundo Isnard (1982).

Os espaços sociais organizam-se no interior de limites que constituem linhas de equilíbrio entre eles. Assim, o espaço geográfico do vale parnaibano e são franciscano apresentam a característica de conter em si uma carga de grande significado. Em sentido amplo, a região em que se localizam os rios Parnaíba e São Francisco é por nós entendidas como um espaço, ou uma porção do espaço terrestre individualizado, logo identificável.

Os rios Parnaíba e São Francisco são traços expressivos da paisagem brasileira. São pontos de referência. Quanto a elementos naturais são determinantes na paisagem dos vales parnaibano e são franciscano. Quanto caminho/estrada marcou/marca a vida das pessoas, das coisas e do lugar. Entender suas histórias como espaços sociais e ambientais exige conhecer, recuperar e preservar as suas geograficidades, seus contornos, os vales, as bacias, os rios. Por tudo isso estou atenta a um referencial teórico que possa dar conta de uma compreensão mais elaborada da complexidade que se estabelece em torno de ambos espaços vividos sob a perspectiva da História Ambiental. Afinal, como diz Drummond, ao traçar as características metodológicas e analíticas da história ambiental, "quase todas as análises focalizam um região com alguma homogeneidade ou identidade natural: um território árido, o vale de um rio... [...]...que via de regra prospera melhor em cenários fisicamente circunscritos" (DRUMMOND, 1991, p.09).

Os rios são construtores de “mundos sociais”. A categoria rio representa um sistema, indicador da situação espacial, concebido com base nas relações entre natureza e pessoas. Como já disse, em história ambiental levam em conta muitas questões, contudo, um dos seus eixos, talvez o principal, enquanto campo de pesquisa trata da forma como as pessoas, as sociedades humanas (comunidades/citadinos) relacionaram/relacionam-se com os rios. Em termos bem simples trata-se da história das relações humanas com os elementos da natureza com seus limites e perspectivas como indicou Worster na década de 1980, "a história ambiental trata do papel e do lugar da natureza na vida humana". (WORSTER:1991, p.201). Destarte foi assim pensando que objetivei compreender as relações práticas e simbólicas da população ribeirinha com o rio São Francisco, suas estratégias de uso e manejo dos recursos naturais contrastando com os do rio Parnaíba, nesse campo demarcado como História Ambiental.

Além das margens conhecidas, esquerda e direita trabalho a terceira margem. Para mim, a terceira margem⁴ de um rio é a margem do espaço/ tempo. Esses aspectos que podem ser designados, a exemplo, como o que constitui nos acontecimentos a dimensão da longa duração, ainda que esta definição não abranja todo o campo de sua realidade, pois se tudo ficasse imóvel, não poderíamos falar de tempo.

O tempo da "margem" de um rio, na realidade representa uma sequência contínua de acontecimentos no tempo e no espaço, os quais se produzem “ao longo do tempo”. Nosso sentido de tempo envolve, portanto, alguma consciência da duração e também das diferenças entre passado, presente e futuro.

A história ambiental propõe, também, novas reflexões sobre o tempo, sobre as temporalidades que definem os processos ecológicos e as identidades culturais, que se integram com os processos econômicos e tecnológicos que marcam o curso da história moderna. Como se vê, ao considerar a variável ambiental, abrem-se inúmeras perspectivas de abordagens históricas. Dentre tais abordagens destacamos a representação ou o simbólico como vasto campo no qual estão diversas análises e dentre elas, a memória, as imagens e as narrativas historiográficas, dentre outras. Diz Arruda (2006) que aí também encontramos os discursos sobre a produtividade, a exuberância ou o acanhamento da natureza, sendo que a História Ambiental "os investigaria tentando encontrar os campos de força que podem explicar as relações concretas com o natural, como foram produzidas, por quem, por quais motivos e quais foram as formas de circulação e apropriação.

⁴ Exemplos de autores que também trabalham uma terceira margem Benedicto Anderson, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, Elisée Réclus, Cláudio Magris, Mello Nóbrega.

Enrique Leff em seus estudos sobre a história ambiental delinea a questão das estratégias teóricas para abordar a diacronia da complexidade ambiental, e em particular as identidades e os sentidos culturais de uso da natureza”. (LEFF: 2005, p. 15)

Por tudo isso é preciso acentuar que tanto o rio Parnaíba quanto o rio São Francisco foram vias regionais que transporta(va) mercadorias, pessoas, e conseqüentemente suas representações. Os vapores representavam desenvolvimento, meio precursor e animador, no sentido de levar as províncias, Bahia e Piauí, à prosperidade. Eram tidos como suporte material com função de ligar, unir espaços e gentes. Esta navegação manteve-se até o final da década de cinquenta do século XX. Conquanto entendendo o espaço fluvial como uma construção social que institui mecanismos de controle para determinar a reprodução das relações optou-se em dar atenção à navegação a vapor nos rios Parnaíba e São Francisco e à sua influência nos respectivos rios e beira-rios. Dar atenção, também, aos impactos ambientais daí advindos quando da realização dos trabalhos de desobstrução de ambos os rios. Entendo o impacto ambiental como um desequilíbrio provocado por um choque, um ‘trauma ecológico’, resultante da ação humana sobre o meio ambiente, ou seja, uma *ação* antrópica. Segundo a Resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA)-Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), nº 1/86, artigo 1º, “impacto ambiental é qualquer alteração das propriedades físicas, químicas ou biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas”. Gonçalves (1998) nos advertiu que há os meios sociais e ambientais. Partindo dessa premissa posso afirmar que há nos espaços-rios os impactos tanto ambientais quanto sociais.

Conquanto, minha proposta aqui é apresentar as diferentes e possíveis fontes para mirar a história de ambos os rios condizentes com as abordagens da História Ambiental.

Para tratar da história dos rios Parnaíba e São Francisco na perspectiva da história ambiental são fontes imprescindíveis os relatórios técnicos, os discursos políticos, as decisões governamentais realizados no que diz respeito à melhor navegabilidade de ambos os rios. Ressalto que a principal fonte para se estudar os rios são eles próprios com as suas respectivas cidades-beiras, pois parafraseando Braudel o melhor documento sobre o passado de um rio é ele próprio, portanto, não podemos ignorar sua geograficidade, nem mesmo sua construção no documento histórico. (Braudel:1983, p.21). As cidades-beira-rio pela importância que assumem ao longo dos rios se destacam como fontes privilegiadas. Reconheço que questionar sobre a influência do rio numa cidade-beira é interrogar documentos tirados do seu contexto por meio de uma seleção necessariamente subjetiva. Para o historiador, a categoria cidade, representa um sistema, indicador da situação espacial, concebido com base nas relações entre elementos e pessoas que se interagem.

Entendo que os princípios que regem essa relação homem/natureza ocorrem dentro dos diversos aspectos de organização social, cultural, econômica, política. Serão os estudos e as pesquisas que nos conduzirá ao esclarecimento das especificidades de cada um dos rios e, conseqüentemente, à multiplicação das leituras da cidade, como sugeriu Barthes. Vale dizer que este estudo se insere também numa tradição de estudos urbanos bastante difundidos no Brasil nas décadas de 1950 e 1960, que enfatizou inicialmente os estudos de pequenas localidades, pequenas comunidades interioranas, seja do sertão interior (Candido, 1964; Williams & Mussolini, 1952; Harris, 1956; Nogueira, 1962; Hermann 1948; Pierson 1952), (Wagley, 1953). Nesta pesquisa retomo essa tradição de estudos de pequenos e médios núcleos urbanos com o estudo das cidades Remanso, Pilão Arcado, Parnaíba e Guadalupe.

Dentre as múltiplas possibilidades de leituras da cidade elegi a conceituação de "Cidade-Beira" para estudar as cidades piauienses e baianas. Acredito que da compreensão histórica dessas cidades poderá nascer o reconhecimento das permanências e/ou pontos de semelhanças e diferenças entre ambos os espaços regionais. A arquitetura urbana das cidades nos servirá como documento que revela/revelará os processos históricos e as relações dos vários segmentos sociais do espaço das cidades. O traçado da paisagem urbana nos fornece/fornecerá o planejamento das cidades e a influência dos rios sobre as mesmas. Estes componentes somados aos traçados dos arruamentos fornecerão as molas propulsoras do surgimento, crescimento das/nas cidades-beira.

Vale lembrar que desde que, em 1929, Marc Bloch e Lucien Febvre conclamaram aos historiadores a saírem de seus gabinetes e farejarem "a carne humana" em qualquer lugar onde pudesse ser encontrada e por quaisquer meios tanto a noção de documento quanto a de texto ampliaram-se. Também foi promovida uma interdisciplinaridade entre a história e as demais ciências humanas, no sentido de desenvolver uma metodologia adequada aos novos tipos de textos.

Assim novos textos, tais como, a pintura, o cinema, a fotografia, enfim as imagens foram incluídas no elenco de fontes dignas de fazer parte da história e passíveis de leitura por parte do historiador. Fontes cartográficas e iconográficas constituídas por fotografias e mapas como imagem visual e gráfica nos permite/permitirá uma visualização completa do curso dos rios Parnaíba e São Francisco que, por sua vez, permitirá a reconstituição histórica da paisagem mostrando-os em seus espaços vividos além de que propiciará distintas interpretações. Nos documentos iconográficos e cartográficos e a partir deles inserem-se o panorama cultural, e é por isso que eles devem ser examinados em suas combinações de elementos visuais e pelos efeitos que produzem As informações são representadas de acordo com os símbolos, signos e cores que pode expressar a cultura, a técnica, a geografia e a ciência e, ainda, reproduzir os mitos, a história, a ideologia e a política da época.

Ao considerar que a variável ambiental se abre a inúmeras perspectivas de abordagens históricas tenho como cenário ambos os rios. Nesse sentido faz-se fonte primordial aspectos dos relatos dos viajantes e estudos e serviços técnicos de retirada de obstáculos, para uma melhor navegabilidade a vapor. E preciso dar atenção especial aos estudos e relatórios dos de técnicos e engenheiros, aos discursos políticos e às decisões governamentais realizados no intuito de promover melhor navegabilidade em ambos os rios. São fontes importantes para o estudo dos ambientes dos rios aquelas apresentadas nos relatórios produzidos pelos engenheiros e suas comissões. Neles há discursos acerca dos rios, dos interesses governamentais, das redes de sociabilidades que se constituíram em torno das margens dos respectivos rios. O relatório das expedições dos engenheiros, seja pela ciência ou pela política econômica dos estados, os estudos cartográficos, as narrativas dos viajantes e escritos oficiais elaborados por presidentes das províncias que focalizam uma região nos dão subsídios e pistas fundamentais para historicizar as relações da sociedade com a natureza e para descrever o ambiente. As missões científicas que percorreram o Brasil muitos subsídios trouxeram à cartografia da região.

Destacam-se, também, as contribuições de viajantes estrangeiros que navegaram e estudaram tanto o rio Parnaíba quanto o rio São Francisco. Marcos Lobato Martins (2007) entende e enfatiza que no “plano metodológico a história ambiental possui características específicas dignas de nota”. Para ele as análises da história ambiental focalizam regiões com alguma homogeneidade ou identidade natural. Também requerem o diálogo com quase todas as ciências naturais e colocam a exigência para determinados tipos de estudos de considerar a escala geológica de tempo. Por fim, explica que em História Ambiental “o trabalho de campo é imprescindível porque a crônica das relações entre os homens e a natureza é lida na própria paisagem: nas águas e nas barrancas dos rios, nas cicatrizes que cortam a superfície da terra, nas trilhas e clareiras que interrompem o verde da floresta”. (MARTINS: 2007, P.23).

Destarte, os viajantes europeus e brasileiros fazem suas leituras do por meio dos ícones da natureza primeva, ensejando a produção de um discurso que melhor servisse ao projeto de uma nação tropical e integrante do concerto das nações civilizadas. É fato que os naturalistas tiveram sua atenção voltada prioritariamente para os minerais, as plantas e os animais das regiões que percorreram, parafraseando Martins (2007), há nos relatos dos viajantes muitas informações sobre os três reinos da natureza, sobre a cultura material, as técnicas e práticas econômicas das populações brasileiras oitocentistas. Há notícias sobre a diminuição das águas, matas e bichos em diversas áreas do país. Há notícias sobre o gradual massacre dos povos indígenas, associado aos esforços de “desbravamento” de regiões e bacias hidrográficas. Sabemos, também, que os viajantes naturalistas que visitaram o Brasil estavam impregnados pelas imagens e narrativas que circulavam na Europa.

Por isso tenderam a enxergar o Brasil como um exótico mundo tropical, espaço de pessoas, plantas, animais e costumes estranhos, exóticos, surpreendentes. De fato, os viajantes são portadores de outras culturas, de outras referências e, nem sempre seus registros são uniformes em sua qualidade e importância, mas é evidente que seus relatos são fontes inesgotáveis para o fazer histórico. Os relatos dos viajantes são muito empregados pelos historiadores em geral e por outras áreas afins e, pelos praticantes da História Ambiental, em particular. Apesar de tudo isso e/ou de sempre eles contextualizarem e compararem os espaços brasileiros com seus países de origem ou por onde eles já tinham viajado e conhecido, sua literatura é fundamental para a apreensão da historicidade do Brasil.

Conquanto, as imagens fotográficas e/ou cartográficas funcionam como documento, testemunho histórico que conforme Peter Burke "... constitui-se numa forma importante de evidência histórica". (BURKE: 2004, p.17). Os Mapas e as Cartas são um poderoso instrumento de observação, uma fonte documental, cuja análise requer mais que o mero exercício de descrição de um quadro geográfico congelado no espaço físico. Os mapas refletem o momento histórico e o imaginário de uma determinada comunidade.

As fotografias interpretadas como imagem/mensagem exigem perceber que existe forma de comunicação mais profunda e menos advertida do que as verbais. Nelas existe uma gama variada de sistemas sógnicos que sendo fruto das relações sociais compõe o quadro cultural de uma sociedade. Assim compreendida, a fotografia deixa de ser uma imagem retida para se tornar uma mensagem que se processa como imagem/documento ou no mínimo revela pistas que permite/permitirá uma visualização completa do curso dos rios em estudo, além de propiciar distintas interpretações. As fotografias permitem a reconstituição histórica da paisagem que mostram os rios e as cidades em seu espaço vivido, pois como diz Cardoso e Mauad, "a fotografia enquanto componente desta rede complicada de significações revela, através da produção da imagem, uma pista". (CARDOSO E MAUAD: 1997, p.402).

As fontes imagéticas como a publicidade e os documentários cinematográficos utilizados como referências revelam/revelará os valores culturais e as influências exteriores e interiores dos surgimentos, crescimento e/ou ressurgimentos das cidades como um todo.

Os relatos de viajantes, os romances, as poesias, as crônicas, lendas, músicas se apresentam fontes inesgotáveis para conhecermos o processo sócio-cultural dos rios e seus vales. A literatura de viagem é fonte inesgotável de informações acerca do espaço em estudo e subsidiará o trabalho, seja de natureza técnica, literária, ou historiográfica. Destaco a contribuição de viajantes estrangeiros que navegaram, estudaram e descreveram os rios Parnaíba e São Francisco. Procuo reconhecer, nos relatos dos viajantes estrangeiros e nacionais, as relações tecidas entre a sociedade da região e o ambiente e aquelas tecidas entre eles próprios.

Os estudiosos dessas regiões também contribuem para a realização desse trabalho, pois suas narrativas, resultado de suas viagens e vivências ao longo dos rios abordam diversos aspectos para o entendimento da nossa pesquisa, além, é claro, das relações homem e natureza. Influenciam e contagiam nosso acervo documental, os memorialistas. Sertanistas, navegantes, ribeirinhos, pescadores entre outros, com suas façanhas descritas, narradas e ampliadas na transmissão oral, constituem as fontes orais. Jornais, acervos paroquiais, documentos cartoriais e de administração pública, documentação privada fornece/fornecerá informações e dados dos acontecimentos das regiões de cada cidade, presente em jornais da época e a de propriedade familiar, além, do próprio registro iconográfico existente.

Dentre as fontes escritas, destacamos aquelas tradicionalmente utilizadas pelos historiadores, assim como a literatura ficcional. Na literatura de ficção pode-se observar e comparar os elementos do imaginário presente nas culturas locais. Nesse tipo de literatura encontra-se a construção de signos identificadores para uma análise comparativa e nas fontes iconográficas oficiais ou populares é possível investigar os mesmos elementos diferenciadores dos agentes sociais em inter-relação constante.

Além desta gama de documentação é preciso enfatizar que os exemplos recolhidos de outros estudos de rios são particularmente preciosos. Vale dizer que utilizo de investigações, fontes e imagens sobre diferentes espaços líquidos. Para Lucien Febvre, o rio com suas imagens, suas histórias, onde e como aparece nos documentos trata-se de uma construção humana. Em *O Reno*, diz que no exato momento em que se pronuncia esse breve nome o homem de hoje sente brotar em si mesmo uma imagem. E enfatiza: "sobre a página em branco de sua memória perfila-se, com uma nitidez singular, o traçado de um grande rio histórico..." (FEBVRE, 2000, p.71).

Aquelas fontes relativa a entrevistas e depoimentos com pessoas que vivenciaram a formação histórica das cidades e se relacionaram/relacionam, de uma forma ou de outra, com os rios Parnaíba e São Francisco permitem a reconstituição de fatos que os arquivos públicos não conseguiram guardar. Enfim, as fontes orais são fundamentais na construção do trabalho sobre rios, pois permitem e facilitam a análise de fatos, atos e situações que ora aparecerão nos documentos escritos ora não. Ressalto que as fontes orais são de grande valia para a construção do discurso histórico bem como para a incorporação dos indivíduos nessa construção. Muitas das problemáticas em torno da história dos rios só poderão ser respondidas com pesquisa de campo junto aos beiradeiros como diz Victor Leonardi (1999).

Sob o nosso ponto de vista, as representações dos rios são fortes e capazes de nos dar evocação viva das cenas. Entendemos que vigorando como modelo de representação e interpretação do mundo circundante de suas margens explicita sua lógica utilitarista e dominante das relações humanas. Daí a importância que estes cursos d'águas apresentam à compreensão histórica da região nordeste e, conseqüentemente, do Brasil. Ler um espaço assim é como diz Frémont, o despertar para uma arte do espaço “que só é concebível na familiaridade dos poetas, romancistas, pintores ou cineastas, que têm evocado, melhor do que as nossas descrições, a região dos homens”. (FRÉMONT: 1980, p. 261). Conquanto, um espaço pode ser fonte de espacialidades, ou seja, manancial de recursos cuja produção deve ser o verdadeiro alvo de uma teoria social conotando objetos sócio-espaciais condizentes com as abordagens da História Ambiental. Neste sentido, está intrínseca a premissa que considera o espaço como dimensão socioambiental e pode receber atributos, ser qualificado, moldado, organizado para se tornar um texto codificado pela disposição dos seus elementos e pela moldagem da materialidade que lhe é inerente. Enfim, pode ser instrumento e eixo da discussão histórica. Já a paisagem geográfica é um campo de significação sociocultural e, nos seus simulacros, pulsam, mesmo que debilmente, as contradições do imaginário que atribui à sua plasticidade o sentido de sua historicidade. Afinal, o real não é feito de coisas e/ou de imagens autênticas das coisas, mas, sim da relação que temos com elas. Destarte, os espaços-rios Parnaíba e São Francisco pode, além de fontes históricas que são, representar mensagem, mistério, paisagem. Afinal suas águas, como diz Bachelard, tem vida, corpo, voz, alma.

A concepção de espaço resulta também da representação que define os parâmetros de classificação conforme a ideia que a sociedade faz de si mesma. O espaço de representação é um espaço vivo com ligações culturais, lócus da ação e das situações vivenciadas. A representação é, portanto, uma forma de conhecimento. Desta maneira, articula-se ao espaço da prática social sua materialidade imediata. Creio, portanto, que estes conceitos serão enquadrados no referencial teórico em questão até mesmo porque não são incompatíveis com uma análise histórico-social e com os demais elementos constituintes dessa abordagem nas perspectivas da História Ambiental.

Referências Bibliográficas

- BRAUDEL, Fernand. O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico no Época de Filipe II. Vol. I e II. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- BURKE, Peter. Testemunha Ocular: História e Imagem. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004
- CARDOSO, Ciro F. & MAUAD, Ana Maria. “História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema”. In: Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro:Campus, 1997.
- DETIENE, Marcel. Comparer L’Incomparable. FRANCE: SEUIL, 2000.
- DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. In: Estudos Históricos, vol. 4, no. 8, p. 177-197. Rio de Janeiro, 1991.
- FEBVRE, Lucien. O Reno: história, mitos e realidades. Trad. Eliana Aguiar . Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2000.
- FRÉMON. Armand. A Região, Espaço Vivido. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- GANDARA, Gercinair Silvério. Rio Parnaíba, Cidades-Beira (1850-1950). Teresina, EDUFPI, 2010.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Os (Des) Caminhos do Meio Ambiente. São Paulo: Ed. Contexto, 1998.
- ISNARD, Hildebert. O espaço geográfico. Coimbra: Almedina, 1982.
- LEFF, E. Construindo a História Ambiental da América Latina. Esboços, Florianópolis, n. 1, v. 13, pp. 11-30, 2005.
- LEONARDI, Victor Paes de Barros. Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira. Brasília: Paralelo 15 Editores, 1999.
- MARTINS, Marcos Lobato. História e Meio Ambiente. São Paulo: Annablume; Fac. Pedro Leopoldo, 2007
- SANTOS, Milton.. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996
- WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. Tradução José Augusto Drummond. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991